



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloí Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : diálogos contemporâneos 3 /
Organizadora Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR:
Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-39-3
 DOI 10.22533/at.ed.393201002

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Bôscaro, Ana Paula Dutra.
 CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, o livro *História: Diálogos Contemporâneos* apresenta-se como um importante espaço de intercâmbio cultural e científico. Ao articular as relações que se estabeleceram no passado e que continuam vigentes no presente, o livro abarca assuntos relevantes e que dialogam com diferentes áreas do conhecimento, propiciando discussões em entorno de questões políticas, sociais e culturais.

De modo cada vez mais sistemático, a historiografia tem se empenhado em desenvolver novas possibilidades investigativas. Os autores aqui reunidos, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas, colaboram com o processo de construção do conhecimento histórico. Seus trabalhos, resultados de pesquisas originais, dialogam entre si e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes assuntos.

No livro estão reunidas análises que dissertam sobre o uso da literatura e da narrativa nos estudos históricos; Trabalhos que refletem sobre o papel do ensino no contexto atual e sobre os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares e nas universidades; Debates sobre questões relativas ao passado escravocrata e suas permanências nas relações sociais; Migrações forçadas no contexto atual, dentre outros temas que promovem um frutífero diálogo entre passado e presente.

Em síntese, a obra nos ajuda a compreender de que modo as marcas do passado se manifestam em nossa experiência atual. Desta feita, esperamos que a leitura dos capítulos que por ora se apresentam possam ampliar os conhecimentos e instigar novas pesquisas históricas. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.3932010021	
CAPÍTULO 2	15
MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS	
Denise Maria Couto Gomes Porto	
DOI 10.22533/at.ed.3932010022	
CAPÍTULO 3	26
CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)	
Pedro Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.3932010023	
CAPÍTULO 4	40
MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS	
José Geraldo Dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3932010024	
CAPÍTULO 5	54
ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR	
Janessa Pagnussat	
DOI 10.22533/at.ed.3932010025	
CAPÍTULO 6	65
AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROUSSEAU NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	
Heloíse Montagner Coelho	
Thieser da Silva Farias	
DOI 10.22533/at.ed.3932010026	
CAPÍTULO 7	77
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS, MONOPARENTALIDADE E O FENÔMENO ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA À PERSPECTIVA DE RICHARD GARDNER	
Ronaldo da Costa Formiga	
DOI 10.22533/at.ed.3932010027	
CAPÍTULO 8	90
ESCRITAS DE SI: A PRODUÇÃO TEXTUAL NARRATIVA DESENVOLVIDA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL E IDENTITÁRIA	
Tuany Maria Rodrigues Gonçalves Cianelli	
Bruna Sieiro Borges	
Fernanda Iglesias Webering	

Cláudia Cristina Mendes Giesel
Flávia Maria Farias Baptista da Cunha
DOI 10.22533/at.ed.3932010028

CAPÍTULO 9 101

UMA BASE CURRICULAR PARA TEMPOS NEOLIBERAIS

Gustavo de Faria Lopes
José Elias Domingos Costa Marques
Renato Gomes Vieira

DOI 10.22533/at.ed.3932010029

CAPÍTULO 10 112

A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS VÍDEOS COM O INTUITO DE PROMOVER O DEBATE RELACIONADO À TEMAS RELEVANTES ÀS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Aline Kelly da Silva Faria
Madalena da Silva Faria

DOI 10.22533/at.ed.39320100210

CAPÍTULO 11 118

DESCONSTRUÍNDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Lucas Cardoso de Moura

DOI 10.22533/at.ed.39320100211

CAPÍTULO 12 126

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A UNIVERSIDADE: UM ESTUDO HISTÓRICO

Oscar Edgardo N. Escobar

DOI 10.22533/at.ed.39320100212

CAPÍTULO 13 139

HISTÓRIAS DA PSIQUIATRIA NO BRASIL E AS INTERDIÇÕES AO USO DE ÁLCOOL E DROGAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ana Maria Cardachevski

DOI 10.22533/at.ed.39320100213

CAPÍTULO 14 153

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O CASO DO MOVIMENTO MÍDIA SEM MÁSCARA E O USO IDEOLÓGICO DAS FONTES

Natalia dos Reis Cruz

DOI 10.22533/at.ed.39320100214

CAPÍTULO 15 162

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.39320100215

CAPÍTULO 16	170
DA RODA DOS EXPOSTOS AO MERCADO DE TRABALHO Claudia Alves d`Almeida DOI 10.22533/at.ed.39320100216	
CAPÍTULO 17	179
A DINÂMICA ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA JUSTIÇA COLONIAL DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (1930) Inajá Reis Costa DOI 10.22533/at.ed.39320100217	
CAPÍTULO 18	191
ENTRE SEMENTES E FRUTOS: DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E A ROMANIZAÇÃO EM MANAUS (1941-1948) Elisângela Maciel DOI 10.22533/at.ed.39320100218	
CAPÍTULO 19	202
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS FORÇADOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC) Tatiane Sant'Ana Coelho Reis DOI 10.22533/at.ed.39320100219	
SOBRE A ORGANIZADORA	212
ÍNDICE REMISSIVO	213

DESCONSTRUÍDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Data de aceite: 05/03/2020

Lucas Cardoso de Moura

Graduado em História, bacharelado e licenciatura, pelo Curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - Universidade Federal de Uberlândia.

mouralucascardoso@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões realizadas a partir da experiência proporcionada pela disciplina Estágio Curricular Supervisionado II, realizada no curso de História da FACIP/UFU. De forma mais específica buscou compreender o processo de ensino e aprendizagem em História por parte dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental. A metodologia adotada consistiu em observações do espaço escolar, das aulas de História e na produção e desenvolvimento de uma sequência didática de temática ligada a escravidão no Brasil. A sequência buscou trabalhar com conceitos, procedimentos e atitudes desenvolvidos com estudantes do oitavo ano do ensino fundamental. Desenvolveu-se a sequência didática buscando partir do conhecimento dos estudantes, seguiu-se o desenvolvimento de uma narrativa histórica e análise de imagens. Evidenciou-se que esta atividade despertou

interesses nos estudantes, pois produziram uma análise crítica da pintura, desconstruindo estereótipos sobre o período escravocrata brasileiro. Os estudantes aprenderam que os escravizados possuíam cultura, e a relação com os senhores não era apenas de forma vertical em alguns casos, horizontal, e que a cultura dos mesmos está presente em nossa sociedade até os dias atuais.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado das reflexões proporcionadas pela disciplina de Estágio Supervisionado II, pela Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal. A mesma possui a carga teórica de trinta horas, e de carga prática sessenta horas, totalizando uma carga horária total de noventa horas.

De acordo com a ementa disciplinar, o Estágio Curricular Supervisionado II busca compreender a relação entre professor-aluno, buscando trabalhar através de aplicação de metodologias, que envolvem conteúdos diversificados e criativos, desenvolvendo com os estudantes atividades que vão além do conteúdo.

Para o desenvolvimento desta disciplina tivemos como um dos objetivos principais, desenvolver uma sequência didática com

alguma turma dos anos finais do ensino fundamental. Optamos por trabalhar com uma turma de oitavo ano. Dentro dos nossos objetivos procuramos conhecer procedimentos de investigação que nos ajudam a compreender jovens alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Outro objetivo que buscamos com a disciplina, foi a articulação entre a historiografia e o ensino fundamental, ou seja, relacionar um profícuo diálogo entre a historiografia em que estudamos e correlaciona-la com o ensino fundamental.

Compreendemos a sala de aula como um espaço de produção de conhecimento e não mero local de reprodução de conteúdo acadêmico. Nas observações realizadas ao longo do Estágio Curricular Supervisionado I e II percebemos o quão importante é a escola para a produção de conhecimento dentro da academia, e destacar que o espaço escolar influencia na produção dentro das universidades. Uma vez que quando temos mudanças nos conteúdos que baseiam os currículos escolares, temos na academia estudos sobre o mesmo. Desta forma; percebemos que a escola não é um mero espaço de reprodução do conhecimento, mas sim de produção do mesmo.

Partindo do princípio de que o espaço escolar é de produção de conhecimento, podemos enfatizar que procuramos observar e analisar especificamente as aulas de história e os sujeitos que compõem a mesma, e em seguida desenvolvemos uma sequência didática.

Para as observações em sala de aula, lemos textos referentes ao espaço escolar e também sobre a multiculturalidade neste mesmo espaço. Discutimos ainda textos relacionados ao ensino e aprendizagem referentes à história. Nossas aulas teóricas que totalizaram trinta horas foram fundamentais para discutirmos sobre estes aspectos e outros que circundam nossa sociedade e que estão presentes na escola.

Segundo Antônio Zabala (1998) a sequência didática deve abordar além dos conteúdos conceituais, os conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais, pois desta forma instiga os estudantes no processo de ensino e de aprendizagem.

Organizamos o texto em três momentos. No primeiro momento enfatizaremos os sujeitos e o cenário onde estão inseridos, ou seja, apresentar a escola e os estudantes. No segundo analisamos a sequência didática que desenvolvemos com uma turma de oitavo ano. E por fim, registramos algumas considerações sobre tal sequência e o processo de ensino e aprendizagem.

Os sujeitos e o cenário escolar

A escola onde desenvolvemos a sequência didática foi a Escola Municipal Manoel Alves Vilela, EMMAV. Localizada em uma região periférica na cidade de Ituiutaba-MG. Buscamos desenvolver neste tópico alguns aspectos sobre a relação entre os estudantes e a escola, procurando compreender até que ponto a escola e a disciplina de história fazem sentido para os estudantes.

Pelas observações que realizamos na escola, percebemos que os estudantes são de uma classe econômica baixa, não que esse dado seja preponderante na

análise que estamos realizando, mas que certa forma é um fator que deve ser levado em consideração.

Alguns estudantes parecem considerar a escola como uma instituição distante de sua realidade, ou seja, percebem a mesma como algo sem nenhum sentido para suas vidas, a não ser para cumprir uma etapa obrigatória imposta pelo sistema. Dentro deste aspecto temos uma exclusão de certos estudantes, pois a exclusão ocorre dentro de sala de aula. Se nós professores desconsideramos alguns estudantes por acharmos que os mesmos são menos capazes do que os outros estamos excluindo parte dos estudantes.

Não podemos colocar a culpa somente nos estudantes que não conseguem realizar suas atividades em sala de aula, temos que analisar todo o conjunto que rodeia a escola e os alunos. Muitos estudantes são deixados de lado em vários setores da sociedade, mas o mesmo espera que a escola seja o local onde possa ser acolhido, mas de certa forma é excluído, um desses motivos de exclusão, podem estar relacionados aos padrões que a nossa sociedade nos impõe, e alguns indivíduos não estão dentro destes padrões. A partir disso, podemos enfatizar que a sala de aula é um espaço multicultural, e que deve ser pensada para a satisfação e sucesso de todos os alunos e não apenas parte deles.

De acordo com Peter McLaren (2000):

Este livro segue o trabalho de multiculturalistas, na tentativa tanto de desbancar os ataques conservadores ao multiculturalismo como os paradigmas liberais sobre este; tais paradigmas, em minha opinião, simplesmente representam ideologias neoliberais e conservadoras sob um manto discursivo de diversidade. (MCLAREN, 2000, p.20)

A escola em que desenvolvemos nossas observações possui características que causam nos alunos uma sensação de estarem em uma prisão, do que em um espaço educacional de desenvolvimento intelectual. Chegamos está hipótese pelo fato das características físicas da escola, que mais se assemelham a uma prisão. As grades e a presença de um inspetor a todo o momento na escola trazem essa sensação passada para os estudantes.

Para pensarmos a relação entre sujeito e a escola, devemos enfatizar que os estudantes estão inteiramente ligados as suas realidades sociais. Desta forma, não podemos pensar os mesmos de forma desmembrada, mas sim articulada com suas inquietações de suas realidades.

Assim entendemos que o ensino de história deve ser pensado e trabalhado de forma que faça sentido aos estudantes, que ajudem os mesmos a refletirem sobre os aspectos sociais e culturais que permeiam a realidade. Por isso, dialogamos e concordamos com a professora e pesquisadora Selva Guimarães quando a mesma afirma que:

Assim, a escola fundamental e média tenta se constituir como espaço de construção de saberes e práticas fundamentais, reconstruindo a passagem de libertação do homem: de súdito para cidadão. Somente o ensino de história comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta, permanente e fundamental, da sociedade: direitos do homem, democracia e paz. (GUIMARÃES, 2003, p. 96).

O ensino de história pode contribuir na formação de cidadãos críticos e pensantes que questionam e refletem sobre a realidade e a sociedade na qual estão inseridos. Podemos concluir que os sujeitos possuem uma importância muito grande para as reflexões e a construção do conhecimento nas escolas e na academia.

Algumas Considerações sobre a Sequência Didática

A sequência didática analisada nesse trabalho consistiu em três aulas, cuja tema trabalhado fora o período escravocrata no Brasil. Tal tema foi escolhido devido aos desafios de nosso presente em se estudar a cultura afro brasileira, buscando desconstruir estereótipos e pré-conceitos sobre os escravizados e a cultura desses sujeitos, que está presente em nossa sociedade até os dias atuais. Em nosso presente percebemos atitudes racistas e que estereotipam os negros e seus aspectos culturais. Dessa maneira que se dá a importância de se estudar com os alunos a cultura afro-brasileira. De acordo com João José Reis, “Enquanto o negro brasileiro não tiver acesso ao conhecimento da história de si próprio, a escravidão cultural se manterá no País”. (REIS, 1993, p. 189).

Durante as três aulas trabalhamos com conteúdos conceituais, como: Escravidão, escravizados, cultura, sociedade, cotidiano, e sujeito histórico, os mesmos foram conceitos chave para o desenvolvimento das aulas.

Para efetivar o processo de ensino e aprendizagem na História podemos destacar a importância de se partir das inquietações do presente para se estudar o passado. É preciso que a história faça sentido para os estudantes. Estudar o passado pelo passado não irá despertar interesse nos alunos, e também será apenas um conhecimento sem reflexão. A história não é apenas datas e marcos históricos, é uma reflexão social e cultural que precisa ser desenvolvida com os estudantes. Nesse sentido Bloch afirma:

Do mesmo modo, essa solidariedade das épocas tem tanta força que entre elas os vínculos de inteligibilidade são verdadeiramente de sentido duplo. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente. (BLOCH, 2001, p.65).

Além da relação entre presente e passado, consideramos fundamental capturar os saberes prévios dos estudantes. Conforme Seffner (2000) o conhecimento histórico escolar precisa levar em conta os saberes dos estudantes, o interesse e os gostos dos mesmos. Por isso, a primeira aula consistiu partir do conhecimento dos estudantes sobre escravidão, os mesmos se reuniram em grupo dentro da sala de aula onde

escreveram algumas considerações sobre o que sabiam do período escravocrata brasileiro. O estudante não é um indivíduo sem conhecimento, não é uma folha em branco, o mesmo é um sujeito histórico que possui experiências e nós docentes devemos partir deste conhecimento para construirmos outros conteúdos com os estudantes. Na continuação deste texto apresentaremos fragmentos das produções dos estudantes.

Dentro dos conteúdos procedimentais tivemos como objetivos refletir sobre os aspectos culturais dos escravizados, destacando que os mesmos possuíam cultura e que a relação dos mesmos com seus senhores eram de forma horizontal e não vertical, a mesma se dava em um contrato social. Refletimos também sobre as vestimentas, modos alimentares e moradias, aspectos esses que estão ligados a cultura dos mesmos.

Nas aulas trabalhamos com procedimentos atitudinais, que desenvolve nos alunos a capacidade de reflexão e problematização. Ressaltamos a necessidade de levar os estudantes a: Expressar opinião, refletir, comparar, trabalhar em grupo, ler, observar, analisar, e problematizar.

Como afirmamos anteriormente, no primeiro momento da aula os alunos se reuniram em grupo e escreveram em forma de texto o que sabiam sobre a escravidão no Brasil. No segundo momento se desenvolveu uma narrativa histórica sobre o período escravocrata partindo desde os aspectos culturais na África, antes da chegada dos europeus no continente africano.

Analisou-se também, junto com os estudantes o mapa mundi para que se refletissem sobre os navios negreiros que partiam do continente africano, para o continente americano, tendo como ênfase de análise o Brasil.

Nos escritos dos estudantes percebemos que os mesmos possuem certo conhecimento sobre o período escravocrata, onde apreenderam tal conteúdo em novelas ou jornais que tratavam sobre tal época. Em algumas reflexões dos estudantes evidenciamos que os mesmos copiaram do texto de apoio algumas informações sobre este período. Elencamos este ocorrido como ponto negativo de nossa atividade, uma vez que a mesma consistia em analisar o que o estudante sabia a partir de seu conhecimento, e não de uma cópia do texto base.

Em alguns grupos verificamos que se dedicaram a escreverem sobre o período, sem copiarem o texto base. Destacamos aqui tais escritos, para possamos analisar.

“Os africanos contribuíram para a cultura do Brasil e no nosso vocabulário existe muitos valores africanos”. (Grupo 1, 2016).

“Alguns exemplos da cultura afro-brasileira presente até os dias atuais são: música, danças, capoeira, comidas típicas, vestes.” (Grupo 2, 2016).

Estes dois escritos foram de diferentes grupos que registraram sobre o período escravocrata brasileiro. Os estudantes identificaram a importância da cultura africana para a formação da sociedade brasileira. Os escravizados eram indivíduos ativos e protagonistas naquela sociedade e não meramente mercadorias.

Após a atividade escrita, tivemos uma narração histórica sobre a vinda dos escravizados para o Brasil, e após esta narrativa conversamos com os estudantes e perguntamos aos mesmos, onde que eles apreenderam sobre o período escravocrata brasileiro. Muitos estudantes responderam que apreenderam em novelas, ou em livros. Confirmamos que os estudantes possuem conhecimento e que o mesmo não pode ser desvalorizado. Ratificamos Lautier (2011), ao afirmar que os jovens estudantes, para aprender história, mobilizam uma compreensão narrativa e o seu conhecimento do mundo vivido.

Após ouvirmos os alunos desconstruímos alguns estereótipos sobre o período, cuja dizem respeito ao modo de vida dos mesmos, ou seja, os mesmos não apenas trabalhavam e eram castigados, possuíam cultura e eram protagonistas. Como ponto positivo, podemos destacar a participação dos alunos nesta aula, que fundamentalmente desconheciam as formas de resistência dos escravizados, como por exemplo, a vingança por parte do escravizado contra seu senhor e também sobre os quilombos.

A segunda aula consistiu em atividades com os estudantes a partir do compêndio didático, buscando refletir com os mesmos alguns exemplos de trabalhos escravos na atualidade. Dentro desta aula, ainda enfatizamos as formas de resistência que os escravizados usaram em função de seus interesses, reafirmando a ideia de que os mesmos eram indivíduos ativos na sociedade.

O objetivo nesta aula era desenvolvermos quatro atividades e alguns exercícios referentes ao livro didático, tendo como tema o protagonismo dos escravizados, mas na prática só conseguimos efetuar cinquenta por cento do que estava previsto na atividade.

Percebemos que a sala ficou inquieta no momento das atividades e também nos momentos das narrativas históricas. A metodologia utilizada e desenvolvida nesta aula consistiu na leitura com os alunos das atividades propostas e também o apoio no desenvolvimento individual da mesma. A maioria dos alunos mostrou um grande desinteresse pela mesma, pelo fato de estarmos refletindo a partir do compêndio didático. Apontamos como ponto negativo desta atividade o intenso uso do compêndio e pouco trabalho com outras formas de expor o conteúdo proposto.

Ao longo dessa aula ainda trabalhamos com os quilombos e também sobre os quilombolas que existem até os dias atuais. As atividades que não foram cumpridas na aula têm por justificativa a falta de tempo e também por não despertar nos alunos interesse por tal atividade.

Como análise para o corrido, podemos elencar que os estudantes já possuem uma rotina diária com o livro didático, assim, os mesmos se sentiram dentro de uma rotina e por isso não participaram da aula, mostrando um descontentamento sobre o conteúdo e as atividades propostas. Como pontos positivos podem elencar a participação dos alunos na construção da atividade, no que se diz respeito ao assunto sobre capoeira que era uma forma de resistência dos escravizados, e também a leitura dos mesmos nas reflexões sobre o trabalho escravo na atualidade.

Na terceira e última aula desenvolvida a partir de nossa sequência didática, analisamos uma fonte histórica, no que se diz respeito a uma pintura do século XIX, do autor Moritz Rugendas.

Concordamos com a pesquisadora e professora Circe Bittencourt (2004) no que diz respeito a importância de usar didaticamente documentos, não com o objetivo de se formar mini-historiadores, mas de aproximar os estudantes a este universo.

Essa pretensão acarreta uma série de dificuldades ao ensino e contraria os objetivos da disciplina, cuja a intenção maior é desenvolver uma autonomia intelectual capaz de propiciar análises críticas da sociedade em uma perspectiva temporal, conforme já se disse anteriormente. Daí a necessidade de se deter em alguns aspectos do uso de *documentos ou de fontes históricas* nas aulas de História, começando pela identificação das especificidades de uso. (BITTENCOURT, 2004, p.327,328)

Ao utilizarmos e explorarmos documentos construímos com os alunos a capacidade de analisar e criticar historicamente a sociedade em que vivemos, assim construímos cidadãos críticos.

Em primeiro momento realizamos uma revisão das aulas anteriores e em seguida projetamos esta figura em um videoprojetor para que os alunos analisassem a mesma.

Logo em seguida entregamos aos alunos a imagem com uma ficha de análise, que direcionavam as questões e reflexões onde os mesmos deveriam se atentar para a fonte histórica analisada.

Dividimos a sala em pequenos grupos, semelhantes a primeira atividade, na aula inicial e assim fomos construindo questionário em forma de texto junto com os estudantes. Verificamos a importância desta atividade para os alunos, pois percebemos que os mesmos se interessam, pois trazem outra perspectiva de aula de conteúdo histórico, não usando apenas o quadro e o giz para a construção do conhecimento junto aos estudantes.

Antes dos alunos sentarem em grupo, realizamos uma leitura que dizia respeito à pintura analisada e também para os estudantes se atentarem para o contexto histórico da mesma. Os escritos dos alunos foram interessantes para construir uma atividade coletiva, onde o professor ajudou na construção e desenvolvimento da mesma.

Após quinze minutos para a realização da atividade, corrigimos junto aos alunos as questões propostas na folha, que dizia respeito a pintura analisada. Notamos que os alunos estavam interessados no desenvolvimento da mesma pois, mudava a forma das aulas, ou seja, trabalhamos com outros recursos para a aula.

Outro aspecto interessante que desenvolvemos nesta aula consistiu em ler a pintura. Os alunos participaram da leitura e se mostraram interessados pelo tema. Escolhemos trabalhar com a pintura de Rugendas, pois a mesma retrata o cotidiano dos escravizados no século XIX. Na pintura percebemos um modo de vida que contraria alguns estereótipos propagados muita das vezes pelo senso comum, de que, por exemplo, os escravizados só se habitavam nas senzalas.

A pintura nos retrata o cotidiano dos escravizados, retratam os mesmos com seus filhos e família, desconstruindo a ideia de que os mesmos só trabalhavam em prol de seu senhor, e não possuíam uma cultura familiar.

Ao fim da última aula agradecemos a participação dos alunos nas três atividades propostas pela sequência didática, e de certa forma saímos satisfeitos da atividade, uma vez pela a necessidade de se estudar e desconstruir estereótipos sobre os escravizados no Brasil, e também por conseguir concluir o compilado de aulas com os alunos de tal escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos a partir desta experiência a importância de se trabalhar com o tema escravidão no ensino básico, pois já constrói nos alunos outra visão sobre o período, desta forma desconstrói estereótipos, preconceitos e formas de discriminação que presenciamos até os dias atuais em nossa sociedade. Percebemos também a importância de se recorrer às experiências e saberes dos estudantes, pois assim a história tem um sentido mais aproximado da realidade do mesmo. Por fim, como futuro professor de história este conjunto de aulas foi muito importante para o meu desenvolvimento e irá contribuir para a minha formação e futuramente para a formação de meus futuros alunos.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar, p. 51-68. 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAUTIER, Nicole. Os saberes históricos em situação escolar: circulação, transformação e adaptação. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 39-58, jan./abr., 2011.

GUIMARÃES, Selva. O ensino de história e a construção da cidadania. In.: **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. – 13º ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Revolucionário** – Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000. (Introdução)

REIS, J.J. Aprender a raça. **Veja**, São Paulo, edição especial: 25 anos: reflexões para o futuro, 1993.

Zabala, Antonio. **A prática educativa: como ensinar**. São Paulo: Artmed, 1998 (As sequências didáticas e as sequências de conteúdo)

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração da Justiça 179, 180, 183

África Austral 202, 203, 204, 209, 210, 211

Africanos 47, 49, 51, 122, 134, 135, 162, 163, 164, 166, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 203, 207, 208, 209, 210

Alienação Parental 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89

América Latina 1, 8, 9, 11, 14, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 127, 128, 129, 137, 155

Anticomunismo 153, 155, 156

Ascensão Social 33

Assistência 145, 147, 151, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 197, 206

B

Base Curricular 101, 104, 108

Brasil Colônia 126, 129, 130, 138, 212

C

Colônia de Moçambique 179

Constituição Federal 65, 66, 70, 71, 72, 73, 75, 106

Cotidiano Escolar 112, 113, 116, 117

Cultura 8, 9, 19, 22, 23, 25, 38, 44, 48, 51, 62, 76, 79, 81, 90, 91, 94, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 130, 135, 138, 169, 177, 178, 181, 182, 183, 201

D

Deslocamentos forçados 202, 203, 206, 207, 209, 210

Diálogos Contemporâneos 15, 26, 40, 54, 65, 77, 90, 101, 112, 118, 126, 139, 153, 162, 170, 179, 191, 202, 212

Diocese 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Dom João da Mata 191, 192, 194, 199, 200, 201

E

Educação 33, 34, 36, 42, 47, 51, 67, 91, 96, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 126, 128, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 142, 148, 152, 161, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 189, 194, 199, 204, 209

Educação Superior 33, 106, 110, 126

Escravidão 71, 118

Estado 2, 23, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 88, 102, 103, 112, 128, 129, 131, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 156, 157, 158, 160, 169, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 192, 196, 197, 201

Estereótipos 118, 121, 123, 124, 125, 207

Extrema-Direita 153, 155

F

Família Contemporânea 77, 78, 79

Fontes 15, 16, 17, 18, 25, 38, 39, 64, 100, 124, 151, 153, 156, 160, 162, 177, 178, 183, 185, 187, 189, 201

Formação Médica 139

G

Gênero 7, 8, 10, 19, 20, 28, 39, 64, 86, 92, 94, 144, 175, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 202, 204, 205, 206, 209, 210

H

História da psiquiatria 149, 151

I

Identidade 5, 8, 9, 10, 12, 25, 54, 55, 60, 63, 64, 78, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 106, 113, 153

Ideologia 43, 72, 78, 79, 88, 110, 136, 153, 156, 158, 173

Igualdade Racial 112

Infância 1, 56, 148, 158, 170, 172, 176, 177, 178

J

Jean-Jacques Rousseau 23, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74

L

Literatura 1, 2, 3, 13, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 36, 39, 42, 45, 54, 63, 68, 96, 100

M

Manaus 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Manoel Bomfim 40, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 52

Manuel de Oliveira Lima 40, 41, 43, 45, 50, 52

Maria Graham 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25

Matrizes Afro-brasileiras 112, 114

Migrações 202, 206, 208, 209, 210, 211

Mulher viajante 15

N

Narrativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 22, 35, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 122, 123, 132, 156, 157, 158

Neoliberalismo 101, 102, 103, 110, 155

O

Oralidade 1, 3, 5, 6, 7, 13, 14, 91, 93

P

Paul Ricoeur 54, 63, 64

Poder 4, 6, 8, 13, 14, 16, 32, 49, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 99, 102, 103, 109, 115, 127, 131, 135, 137, 140, 146, 156, 157, 176, 179, 184, 187, 188, 192, 196, 209

Práticas Fúnebres 162

R

Relatos memoriais 1

S

Santa Casa de Misericórdia 170, 172, 174, 176, 177, 178

Santo Antonio de Jacutinga 162, 165, 166, 167, 168

Século XIX 25

Século XX 139

Sociedade 12, 14, 29, 33, 37, 41, 42, 48, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 170, 171, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 212

T

Teoria da História 8, 26, 189

 **Atena**
Editora

2 0 2 0